



Ciclo de Debates Virtuais 2022

“Proteger os Recursos Necessários à Transição Energética e Digital”

29 de abril de 2022, 10H, Plataforma Microsoft Teams

Relatores: Carlos Pedro e Sofia Pereira

O mundo está a mudar. E com ele a sociedade. Hoje, a população mundial está consciente da emergência associada à transição energética e digital. Num cenário em que a vida da humanidade está em risco a médio prazo, a utilização dos recursos tem de ser consciente e fundamentada.

Foi neste âmbito que o Grupo de Trabalho de Direitos Humanos e Práticas Laborais da Rede Portuguesa de Responsabilidade Social das Organizações, em colaboração com os/as estudantes de Jornalismo e Comunicação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, organizou o primeiro encontro de um ciclo de quatro debates sob o tema “Proteger os Recursos Necessários à Transição Energética e Digital”. O debate contou com a presença dos oradores Armindo Monteiro, vice-presidente da Confederação Empresarial de Portugal (CIP); Mariana Pereira, perita associada da Organização Internacional do Trabalho (OIT); e ainda Susana Fonseca, membro fundadora da organização ambiental ZERO. A moderação foi realizada por Matilde Sabino, estudante de Jornalismo e Comunicação.

O primeiro momento do debate dedicou-se ao impacto da transição energética e digital nas organizações dos oradores presentes. Armindo Monteiro começou por expor que estes são temas centrais na sua empresa, reforçando a necessidade de as instituições estabelecerem um equilíbrio entre a transição digital e energética para que possam ser completamente sustentáveis. Na mesma linha, Mariana Pereira contou que a grande preocupação da OIT é respeitar os direitos dos trabalhadores e evitar o desemprego. Já Susana Fonseca centrou-se nas questões ambientais e apelou a um uso consciente dos recursos: “Devemos questionar mais a forma como usamos os recursos”.

No atual contexto político europeu, decorrente do conflito entre a Rússia e a Ucrânia, a dependência energética dos países europeus relativamente aos recursos naturais russos foi, naturalmente, um tema nuclear. Discutiram-se, pois, as alternativas

energéticas face a esta dificuldade como, por exemplo, a utilização do hidrogénio verde. O vice-presidente da CIP referiu que “a transição é necessária” porque “estamos em risco de sobrevivência”. Além disso, reforçou que o ser humano não deve ser egoísta e precisa de pensar nas gerações futuras.

Mariana Pereira revelou o destaque que a OIT dá à qualidade dos empregos que vão ser criados com a transição digital. Deste modo, analisou cenários que especulam o desaparecimento de alguns postos de trabalho e, numa perspetiva otimista, defendeu que tal não acontecerá, pois “para cada automatismo é preciso um humano”. Susana Fonseca apelou ao investimento energético para que Portugal se torne autossuficiente. No entanto, não desprezou os impactos ambientais associados a esta transformação. Ainda assim, a membro fundadora da organização ambiental ZERO, sublinhou que “esta transição dá-nos muito mais de positivo do que de negativo”.

No passado, algumas empresas multinacionais foram acusadas de extrair cobalto - mineral presente na produção dos telemóveis e eletrodomésticos, por exemplo - de forma pouco ética. No que toca a esta questão, Mariana Pereira mencionou que “cada país deve cumprir com os direitos” dos seus trabalhadores. Uma das missões a concretizar, na ótica do vice-presidente da CIP, deve ser a aposta no aumento de mais postos de trabalho qualificado e que haja uma resposta das empresas a esta iniciativa.

O terceiro tópico apresentado aos oradores, que expunha a pandemia enquanto fator impulsionador da transição energética e digital, reuniu o consenso dos três participantes. Na sua intervenção, Susana Fonseca decidiu destacar, à luz do impacto da pandemia no mercado do trabalho, a emergência de se alterar o modelo de negócio das empresas do século XXI, que estão assentes em lógicas de desperdício e insustentabilidade. A investigadora em Sociologia reiterou que o consumidor contemporâneo está preocupado com o futuro do planeta e, por isso, exige bens de qualidade, produzidos de forma sustentável.

Mariana Pereira, por sua vez, preferiu sublinhar os benefícios do trabalho remoto na manutenção do equilíbrio entre vida pessoal e profissional. Todavia, advertiu que a crescente digitalização de fábricas e outras unidades industriais, implica o aumento de ciberataques e, logo, o aumento de momentos de inatividade.

Para concluir o primeiro debate, Armindo Monteiro apelou à importância da transição digital, como forma de capacitar os trabalhadores e modernizar o mundo laboral. “O trabalho é um tema demasiado importante para ser entregue apenas aos empresários”, afirmou o membro do Conselho Económico e Social, que acredita que o tema dos recursos humanos no mundo do trabalho deve ser discutido na esfera pública.